

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro – ISSN 2178-6925
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni - Junho de 2017

A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE PSICOPEDAGOGIA NO ESPAÇO ESCOLAR

Clarissa Amorim Santos *, Alcilene Lopes de Amorim Andrade**

Resumo

Este estudo situa-se na área da Psicopedagogia que tem como objeto de estudo o ato de aprender e ensinar, levando-se em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. Neste sentido esta pesquisa tem como objetivo compreender a importância do profissional de psicopedagogia no espaço escolar e tem relevância acadêmica porque além de apresentar informações sobre as funções do psicopedagogo, aponta a contribuição desse profissional nos diagnósticos e acompanhamento de crianças com dificuldades de aprendizagem. A metodologia utilizada foi uma revisão de literatura, de cunho descritivo e abordagem qualitativa. Entende-se que o trabalho do psicopedagogo pode promover efeitos positivos na escola, quando esta instituição deseja transformações de fato no sentido de uma educação que pretenda minimizar as dificuldades encontradas no contexto escolar e contribuir com a aprendizagem dos alunos.

Palavras - chave: Psicopedagogia. Escola. Dificuldades de aprendizagem.

Abstract

This study is located in the area of Psychopedagogy whose object of study is the act of learning and teaching, taking into account the internal and external realities of learning, taken together. This way, this research aims to understand the importance of the professional in psychopedagogy in the school space and has academic relevance because besides presenting information about the functions of psychopedagogues, it points out the contribution of this professional in the diagnoses and accompaniment of children with learning difficulties. The methodology used was a literature review, of descriptive and qualitative approach. It is understood that the work of the psycho-pedagogue can promote positive effects in school, when this institution wants actual transformation towards an education that intends to minimize the difficulties found in the school context and to contribute to the students' learning.

Key-words: Psychopedagogy. School. Learning difficulties.

*Acadêmica do 7º período do Curso de Pedagogia da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni. E-mail: clarissamorim_stos@hotmail.com

** ** Professora Faculdade Presidente Antônio Carlos, graduada em Pedagogia e Psicologia, pós-graduada em Didática e metodologia do Ensino e em Psicologia Clínica, mestre em Educação - alcileneaguia@hotmail.com

1 Introdução

A Psicopedagogia se faz necessária para compreender os problemas de aprendizagem, refletir e intervir sobre questões relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo, como também desenvolver a autonomia do aluno, pois este precisa de motivação. É fruto de uma relação mediada por outro, onde o aluno pode se identificar e construir sua identidade e independência. Além do trabalho desenvolvido com grupos de alunos, a Psicopedagogia também tem como objetivo auxiliar toda coordenação pedagógica, direção e professores, pois desenvolverá um trabalho significativo para as relações professor-aluno e para redefinir os procedimentos pedagógicos, buscando integrar os aspectos afetivos e cognitivos.

O artigo aqui desenvolvido sobre a importância do profissional de psicopedagogia no espaço escolar é relevante considerando que SOUZA (2007), nos diz que os autores ANCONA-LOPEZ(1983); SILVARES(1989); SOUZA(1997;2000), declaram que diariamente centenas de crianças e adolescentes são encaminhados às clínicas psicológicas por apresentarem os chamados “problemas de aprendizagem” ou “problemas de comportamentos”. Refletindo sobre a contribuição desse profissional, o trabalho teve como objetivo: apresentar as contribuições do psicopedagogo para as instituições de ensino, no que tange à inclusão, bem como prevenção das dificuldades de aprendizagem e, conseqüentemente, do fracasso escolar.

A problemática levantada foi: Como o profissional psicopedagogo pode contribuir para melhorar a aprendizagem dos alunos que encontram dificuldades no processo ensino-aprendizagem?

Por meio de pesquisa bibliográfica, revisando publicações no período de 1987 a 2015; considerada descritiva quanto aos fins e qualitativa quanto à abordagem do problema, preocupou-se em levantar conceitos sobre o psicopedagogo, suas funções na escola, seu compromisso com a transformação da realidade escolar à medida que se propõe a fazer uma reorientação do processo de ensino-aprendizagem refletindo os métodos educativos e numa atitude investigativa descobrir as causas dos problemas de aprendizagem e se necessário, encaminhar alunos a outros profissionais especializados.

2 Psicopedagogia no Brasil: breve histórico e objeto de estudo

A Psicopedagogia teve seu início na Europa, ainda no século XIX, embora o ano preciso ainda não é um dado exato, mas BOSSA (2007), aponta que a Psicopedagogia teria nascido no ano de 1946, período em que se deu a criação dos primeiros Centros Psicopedagógicos na Europa, em Paris, por Juliette Favez-Boutonier e George Mauco com direção médica e pedagógica. Nestes centros trabalhavam profissionais da área médica, psicológica, pedagógica e da psicanálise e atendiam às crianças que, embora inteligentes, apresentavam dificuldades de aprendizagem ou comportamentos inadequados. O nome “Centro Psicopedagógico” foi escolhido propositadamente, para que os pais dessas crianças encaminhassem os seus filhos com menos constrangimento, sugerindo que a consulta seria de caráter psicopedagógico e não médico.

A Argentina sofreu influência direta dos estudos iniciados na França, e essa influência acabou dando a iniciação psicopedagógicas no país, e sua influência e chegada ao Brasil, devido à proximidade geográfica e ao acesso fácil à literatura (inclusive pela facilidade da língua), as idéias dos argentinos muito têm influenciado a prática dos educadores brasileiros.

A primeira cidade Argentina a oferecer o curso de Psicopedagogia foi Buenos Aires, criada na UBA (Universidade de Buenos Aires). A psicopedagogia chegou ao Brasil, na década de 70, cujas dificuldades de aprendizagem nesta época eram associadas a uma disfunção neurológica denominada de disfunção cerebral mínima (DCM), onde as crianças com disfunção cerebral mínima têm, em geral, inteligência média ou acima da média, mas, apresentam certos problemas de aprendizagem ou de comportamento associados a desvios das funções do sistema nervoso central. (BOSSA, 2007).

A autora ainda afirma que a definição do objeto de estudo da psicopedagogia passou por várias fases e hoje estuda as características da aprendizagem humana: como se aprende, como o sujeito interioriza o novo conhecimento, como essa aprendizagem varia conforme a evolução dos tempos, como são as alterações de aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las.

3 Dificuldade de Aprendizagem

Aprendizagem é um processo integral que ocorre desde o princípio da vida. Aprender não depende somente do processo de entrada e saída de informações, mas sim da forma que cada pessoa percebe o novo conhecimento através da sua estrutura psíquica (aquilo que habitualmente chamamos de afetividade) e a maneira que sua organização cognitiva irá organizar dentro de si a nova informação de acordo com as experiências já vividas por aquela pessoa. (GÓMEZ, 2014).

Segundo Dra. Nádia Bossa (2008) aprender significa desenvolver habilidades para lidar com a realidade externa. Ao falar em aprendizagem, deve-se considerar o ser humano como um todo, na sua inteligência, no seu mundo afetivo, na sua condição biológica e na sua condição relacional, porque interagir com a realidade externa requer tudo isso. O sujeito precisa do corpo para entrar em contato com a realidade externa, da inteligência para pensar sobre essa realidade externa, e ter vontade, disposição para que essa interação aconteça, sendo necessário que o organismo esteja funcionando de uma maneira que favoreça esse processo. Desta forma, todos esses aspectos devem ser considerados ao se pensar em aprendizagem.

3.1 Estilos de Aprendizagem

Cada ser humano é um ser singular, com uma série de capacidades e forma particular de se desenvolver. Cada um se apóia em diferentes sentidos para captar e dar significação às novas informações recebidas, cada qual tem sua maneira particular de entrar em contato com o mundo e interiorizar o novo conhecimento. Este fenômeno é denominado de Estilo de Aprendizagem.

Segundo GÓMEZ (2014), os estilos de aprendizagem mais comuns são: Visual; Auditivo e Cinestésico.

O Estilo visual é característico de pessoas que aprendem mais por visualizar imagens à escutar explicações; tem facilidade para recordar de rostos, porém dificuldades para recordar de nomes. São muito imaginativas e sempre fazem associações de palavras com imagens. Gostam de descrições, pois tem facilidade para recriar a cena mentalmente. Normalmente escrevem muito bem por visualizar a palavra antes de escrevê-la. São pessoas muito observadoras e organizadas, pois planejam antecipadamente seus pensamentos escrevendo-os, porém tem dificuldades para lembrar-se de mensagens e/ou instruções verbais.

O Estilo Auditivo já se refere a pessoas que têm facilidade com as palavras e expressam-se muito bem verbalmente. Costumam fazer muitas perguntas e compreendem bem às respostas orais e entendem as instruções dadas em voz alta, porém no geral não tem boa ortografia, pois escrevem as palavras da forma que as pronuncia e distraem-se facilmente por sons. São pessoas que conversam bastante com outras pessoas e até consigo mesmo.

O Estilo Cinestésico por sua vez, está presente nas pessoas que aprendem por meio de atividades físicas. São aquelas pessoas que gostam de tocar em tudo que vêem. Pulam, puxam ou empurram quando estão contentes ou para demonstrar sua felicidade. Recordam-se mais do que fizeram e não do que viram ou falaram. Não prestam atenção em coisa que apenas vêem ou escutam, preferem envolver-se diretamente, pois aprendem melhor fazendo e descobrindo como as coisas funcionam. Não são grandes leitores, conseqüentemente têm má ortografia. (GÓMEZ, 2014).

3.2 Diferenciando dificuldades e transtornos de aprendizagem

Para BOSSA (2007), o baixo rendimento escolar pode ser visto através de dois fatores: o primeiro é que o aprendiz tenha uma dificuldade de aprendizagem causada por algum acontecimento ou situação que esteja afetando-o diretamente, como separação dos pais, morte de algum ente querido, mudança de professor ou de escola e isso pode fazer com que o aprendiz tenha esse baixo rendimento escolar. O outro fator é que se o aprendiz apresenta esse baixo rendimento em várias áreas e não possui nenhuma causa que evidencie o motivo, o que pode haver neste caso é um transtorno de aprendizagem.

Esse transtorno de aprendizagem é da própria criança, ou seja, está ligado a dificuldades específicas, causadas por uma disfunção neurológica. Essas crianças que apresentam transtornos de aprendizagem possuem inteligência normal e são capazes de aprender, desde que tenham atenção e métodos apropriados.

Nas palavras de GÓMEZ (2014), existe uma variedade de fatores que ocasionam os problemas na aprendizagem e conseqüentemente o surgimento de um baixo rendimento escolar, sejam eles fatores internos ou externos. Portanto o baixo rendimento escolar deve ser analisado de diferentes aspectos, dos quais podemos citar: fatores orgânicos, fatores específicos, fatores emocionais e fatores ambientais.

Quanto aos fatores orgânicos, é indispensável avaliar tanto a capacidade auditiva quanto a visual, como também os aspectos neurológicos, para conhecer as condições da pessoa para a aprendizagem. No que se refere aos fatores genéticos, é improvável que dificuldades de aprendizagem sejam herdadas diretamente, possivelmente o que foi herdado seja uma leve disfunção cerebral que pode levar a um problema de aprendizagem ou ainda o que pode haver são crianças que necessitam de um modelo adequado para aquisição da linguagem e podem parecer ter dificuldades de aprendizagem. É importante também, avaliar o funcionamento glandular, pois tem haver com o desenvolvimento geral da criança e do adolescente e em determinados casos a falta de concentração e sonolência também podem estar relacionados a deficiências glandulares.

Quanto aos fatores específicos, eles são visíveis na área da linguagem, nas habilidades para ler e escrever, outras vezes como inaptidão gráfica, impossibilidade de construir imagens claras de sílabas, palavras, fonemas, etc.

Os fatores Emocionais, podemos dizer que eles podem interferir de forma negativa no processo de aprendizagem, pois as crianças respondem emocionalmente diante de diferentes situações, como o divórcio dos pais, rivalidade entre irmãos, situações novas, etc. Quando uma criança aprende andar, não o faz somente porque tem pernas, mas porque seus pais incentivaram. A criança aprende a falar não somente porque tem um aparelho fonético, mas porque alguém a incentivou a pronunciar palavras. O mesmo acontece com a aprendizagem. Mesmo que a criança tenha as bases biológicas adequadas, necessita de estímulos. Assim, o desenvolvimento emocional saudável é um fator importante para assegurar uma escolaridade com êxito.

Devemos lembrar também que dificuldades de aprendizagem podem acarretar diferentes desajustes emocionais e por conseqüência, essas crianças podem ter sua auto-estima afetada. As dificuldades de aprendizagem e os problemas emocionais muitas vezes têm uma relação de reciprocidade: as dificuldades de aprendizagem levam a pequenos desajustes emocionais e esses desajustes emocionais interferem na aprendizagem do aluno. Mas, uma vez superada a dificuldade do aluno, este apresenta melhoras em seu emocional.

Quanto aos fatores ambientais, mais importante do que o conteúdo ensinado é a relação com a pessoa que ensina que afeta a subjetividade da pessoa que

aprende. A responsabilidade do ensinar e do aprender é uma responsabilidade compartilhada e o papel do professor é fundamental. A pessoa que ensina entrega as ferramentas necessárias para se aprender, não oferece o conhecimento diretamente.

Os pais e os professores podem possuir a informação, porém a sua função não é transmiti-la, mas sim propiciar ferramentas e o espaço adequado para que haja a construção do conhecimento. O meio deveria oferecer aos aprendizes às possibilidades para desenvolverem suas potencialidades. No meio escolar devem ser analisadas as condições de materiais de ensino, se o material é apropriado e o uso de programas adequados que levem em consideração as diferentes modalidades de aprendizagem. (GÓMEZ, 2014).

4 Contribuições do Psicopedagogo para a aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades

CAMPOS (1987), afirma que conforme YOUNG (1936) todo comportamento humano necessita de uma motivação, necessita ser impulsionado por algo ou alguém. A motivação é um dos componentes mais importantes da aprendizagem na escola. Grande parte das dificuldades na escola tem sua origem nos problemas de motivação. A falta de motivação ocasiona o desinteresse, que por sua vez torna todo o processo de ensino-aprendizagem muito mais difícil. A falta de motivação levará ao aborrecimento, fadiga, problemas disciplinares, aos desajustes emocionais, aumento de tensão emocional e aprendizagem pouco eficiente da classe. É neste momento que entra a atuação do profissional de Psicopedagogia no ambiente escolar.

A psicopedagogia não é apenas a junção da Psicologia com a Pedagogia. Ela é bem mais que isso. A Psicopedagogia utiliza vários recursos e áreas da ciência para se focar no que é o ato de aprender: o que é aprendizagem; como cada pessoa aprende; como cada um interioriza o novo conhecimento; o que está impedindo o aprendizado; como solucionar este empecilho, etc. (ANDRADE, 2002).

Nas palavras de PONTES (2010) quando um Psicopedagogo entra em uma instituição escolar a primeira providência a ser tomada é conhecer o documento que identifica a escola, o PPP (Projeto Político Pedagógico). Após isso o psicopedagogo irá analisar a instituição como um todo: seus profissionais, o currículo, os relatos, os

comportamentos e atitudes, as dificuldades enfrentadas, as possibilidades de mudanças, etc.

A partir daí, um trabalho em equipe com os pais, gestores, professores e demais envolvidos, ajudará solucionar os problemas já existentes e evitar problemas futuros.

Segundo BASSEDAS (1996), a observação é um dos recursos mais importantes para o psicopedagogo, configurando um instrumento valioso nas análises futuras e projeto de intervenção.

Ao falar em diagnósticos, PONTES (2010) afirma que só mediante a uma série de investigações, o psicopedagogo poderá intervir adequadamente. Nesta investigação um dos quesitos importantes a serem observados são aqueles que se referem aos medos, anseios, confianças, alegrias e/ou tristezas depositados nos alunos (seja pelos pais, professores, pela própria escola), nos professores (pelos alunos, pais e escola), nos pais (pela escola, pelos alunos, professores) ou até mesmo na escola (pelos alunos, professores e pais). Depois de verificados e assimilados estes elementos, o psicopedagogo realizará seu plano de intervenção.

O psicopedagogo está voltado para a forma de pensar do aluno, na forma como ele aprende como ele utiliza suas funções e capacidades internas para assimilar o novo conhecimento, bem como está voltado para ajudar a instituição a criar laços com a comunidade em que está inserida para juntos minimizarem os efeitos de uma sociedade tão complexa. (PONTES, 2010).

Nesse sentido, Grassi contribui afirmando que:

O Psicopedagogo lida com uma realidade escolar complexa, em que as dificuldades de aprendizagem aparecem em diferentes momentos e contextos, condicionadas por diferentes fatores, deixando perplexos os envolvidos que, na maioria das vezes, não conseguem entendê-las, parecendo-lhes impossível encontrar solução para a questão sem o auxílio de um profissional especializado. (GRASSI, 2009, p.132).

O psicopedagogo tem ainda, um olhar especial voltado para a formação dos professores. Ele atenta para o fato destes profissionais estarem ou não preparados para atender aos alunos de uma maneira que atenda as necessidades de cada um, se estes profissionais sabem trabalhar o currículo de uma forma que valorize o conteúdo, e se for o caso intervir na metodologia e no PPP (Projeto Político Pedagógico), fazendo as modificações necessárias para que haja de fato uma melhora no processo ensino-aprendizagem. Deve auxiliar a escola no

desenvolvimento de uma boa interação com as famílias, estabelecendo entre ambos um clima de confiança e um elo construtivo. Nesse sentido, Fernández ressalta que:

[...] o psicopedagogo é alguém que convoca todos a refletirem sobre sua atividade, a reconhecerem-se como autores, a desfrutarem o que têm para dar. Alguém que ajuda o sujeito a descobrir que ele pensa, embora permaneça muito sepultado, no fundo de cada aluno e de cada professor. Alguém que permita ao professor ou à professora recordar-se de quando era menino ou menina. Alguém que permita a cada habitante da escola sentir a alegria de aprender para além das exigências de currículos e notas. (FERNÁNDEZ, Alicia; 2012, p.224)

Outro ponto que merece ser lembrado é o fato do psicopedagogo saber ouvir e ter cuidado para entender a linha de raciocínio do outro. Além de observar, este profissional deve saber interpretar corretamente a situação para não interferir, mas sim intervir, pois a intenção é ajudar a pensar formas de gerar resultados satisfatórios.

Sobre as dificuldades de aprendizagem, o psicopedagogo trabalhará sempre com o foco em prevenir. A prevenção evitará que surjam ou se agravem os problemas de aprendizagem e para isso o trabalho em conjunto com toda a equipe pedagógica, a família e a comunidade é de total importância, pois quando falamos em aprendizagem, levamos em consideração todos os aspectos que envolvam a vida do aluno. (PONTES, 2010).

As funções do Psicopedagogo podem dividir-se em atuação clínica ou institucional e ainda quanto à forma de atuação, que poderá ser preventiva ou terapêutica. A atuação clínica refere-se ao atendimento com um aluno ou grupos de alunos. Já uma atuação institucional é feita com os professores para debaterem a respeito da melhor estratégia de ensino, que seja mais eficaz e agradável, ou ainda para direcionar e propor a revisão do Projeto Político Pedagógico (PPP) e/ou Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE), mas nunca sozinho, pois sempre envolverá todos os profissionais da escola. (GRASSI, 2009).

Quanto à forma de atuação, BOSSA explica que:

Através do diagnóstico clínico ou institucional, identificam as causas da problemática e elaboram o plano de intervenção. Para a realização deste diagnóstico clínico, o psicopedagogo utiliza recursos como testes, desenhos, histórias, atividades pedagógicas, jogos, brinquedos, etc. Estes recursos são de muita relevância, pois se constituem num importante instrumento de linguagem e revelam dados sobre a nossa vida, que muitas vezes são segredos até para

nós mesmos. Com base nesses dados é elaborado um plano de intervenção. Na escola o psicopedagogo institucional vai atuar junto aos professores e outros profissionais para melhoria das condições do processo de ensino-aprendizagem, bem como para prevenção dos problemas de aprendizagem. Por isso é de extrema importância que as escolas tenham um psicopedagogo institucional. (BOSSA, 2007 p.12 e 13).

Quando professores e/ou pais ou outras pessoas do convívio começam a fazer queixas sobre determinado aluno é sinal que algo está em desajuste. Quando isso ocorre é o momento em que o psicopedagogo começa suas observações, baseando-se sempre nas queixas que surgiram.

Após essas observações, se for registrado que de fato elas têm fundamentos, o psicopedagogo começará seu plano de intervenção. Esse plano de intervenção funcionará como “tratamento”, onde o psicopedagogo desenvolverá técnicas de intervenção, auxiliando o aluno, pais e professores e se for preciso estabelecerá contato com outros profissionais, como fonoaudiólogos, psiquiatras, assistentes sociais, neurologistas, etc, para que juntos auxiliem o processo de ensino-aprendizagem daquele aluno. (BOSSA, 2007).

Na atuação preventiva, o Psicopedagogo é o responsável por dar suporte à escola e docentes no que tange o processo de ensino-aprendizagem. O Psicopedagogo auxiliará os professores, desde uma formação continuada, até nas formas de como trabalhar com os alunos em suas particularidades, como trabalhar o currículo de forma eficiente e na elaboração de projetos que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem. Auxiliará a escola no diálogo com a comunidade e também com as famílias dos alunos com dificuldades de aprendizagem. Laura Monte Serrat Barbosa afirma que o espaço da instituição escolar requer mais preparo do psicopedagogo do que o espaço clínico. Para ela:

a intervenção psicopedagógica na instituição escolar se dirige ao sujeito aprendiz que sustenta o aluno, sua relação com os seus pais e com o professor; ao sujeito ensinante que sustenta o professor, sua relação com o grupo de alunos, com os pais e com o psicopedagogo, assim como ao sujeito aprendiz que também se encontra no professor; e ao sujeito aprendiz que se encontra no próprio psicopedagogo. (BARBOSA, 2001, p. 19)

Lucena (2015), afirma que conforme Tanamachi (2003), o psicopedagogo, é um profissional que está na escola para ajudar a superar as barreiras que impedem

os alunos de alcançarem o conhecimento, bem como também um profissional focado em formar cidadãos mais humanos, pensantes e críticos.

5 Considerações Finais

A psicopedagogia interessa-se mais em como a pessoa aprende do que exatamente o que ela aprende, pois vai analisar como o aprendiz absorve para dentro de si o novo conhecimento, como a informação vai chegar a cada criança. Cada um tem uma forma diferente de absorção de informações e um tempo diferente também.

Além de identificar o problema, o psicopedagogo buscará uma solução, devendo pensar diferentes formas de abordar e trabalhar com crianças com dificuldades de aprendizagem. Uma das funções de maior importância do psicopedagogo é exatamente ser um incentivador, pois a psicopedagogia parte sempre do pensamento do SUJEITO AUTOR, aquele que se autoriza a construir e conduzir sua própria vida. Portanto, analisa, avalia casos de crianças que apresentam dificuldade ou distúrbios de aprendizagem, para a partir de um diagnóstico concreto poder trabalhar com essa criança e com toda a equipe pedagógica a fim de promover uma aprendizagem de qualidade e autonomia para aquele aprendiz.

Ao fazer esses diagnósticos o psicopedagogo sempre terá um olhar diferenciado e não só clínico, porque muitas vezes os aprendizes são encaminhados a outros profissionais da área da saúde que podem fazer um diagnóstico apenas do ponto de vista médico (ou que seja clínico) e o psicopedagogo faz essa mediação entre a área clínica e pedagógica.

O profissional de Psicopedagogia é, portanto, de grande importância no ambiente escolar, pois, poderá auxiliar os professores na melhor forma de elaborar um plano de aula para melhor aproveitamento dos alunos; participar na elaboração do projeto político-pedagógico; orientar os professores na melhor forma de trabalhar em sala de aula com o aluno com dificuldades de aprendizagem; realizar um diagnóstico institucional para verificar possíveis problemas pedagógicos que possam prejudicar o processo ensino-aprendizagem; encaminhar o aluno para um profissional especializado (psicólogo, fonoaudiólogo, assistente social etc.) através de avaliações e intervenções psicopedagógicas específicas contemplando as particularidades de cada caso.

6 Referências

ANDRADE, Marcia Sirqueira. **O prazer da autoria: a Psicopedagogia e a construção do sujeito autor**. São Paulo: Memnon, 2002.

BARBOSA, LMS. **A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente, 2001.

BASSEDAS E et al. **Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.

BOSSA, Nádia. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 3 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2007.

BOSSA, Nádia. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BOSSA, Nádia. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem, por Dinah Martins de Souza Campos**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A atenção aprisionada: psicopedagogia da capacidade atencional**. Porto Alegre: Penso, 2012.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado. **Dificuldades de Aprendizagem. Detecção e estratégias de ajuda**. Grupo Cultural, 2014.

GRASSI, Tânia Mara. **Psicopedagogia: um olhar, uma escuta**. 20 ed. Curitiba: lbpex, 2009.

LUCENA, Izan. **Pedagogia do Relacionamento**. Editora Agbook 2015.

PONTES, Idalina Amélia Mota. Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não, contribuição, sim. Artigo de revisão. **Revista Psicopedagogia**. Vol 27 n° 84 São Paulo, 2010.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000300011Acesso em: 04 maio 2017

SOUZA, Beatriz de Paula, **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007